



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de entrega  
do Prêmio Luís de Camões ao escritor  
português José Saramago*

PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 30 DE JANEIRO DE 1996

*Eminente Escritor, Pensador, Amigo do Brasil, José Saramago; Senhora Maria Del Pilar; Senhor Jorge Amado e Dona Zélia Gattai; Senhor Embaixador de Portugal, Pedro Ribeiro de Menezes, que nos dá a honra da companhia; Senhores Embaixadores; Senhor Presidente do Senado Federal, Senador José Sarney; Senhor Ministro do Supremo Tribunal Federal, José Paulo Sepúlveda Pertence; Senhor Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Luis Felipe Lampreia; Senhor Ministro de Estado da Cultura, Dr. Francisco Weffort; Senhor Embaixador do Brasil em Portugal, meu amigo Itamar Franco; Senhor Governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque; Senhor Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, Senador Antonio Carlos Magalhães; Senhor Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, Deputado Franco Montoro; Senhores escritores, acadêmicos, intelectuais aqui presentes; Senhoras e senhores;*

Basta referir a lista imensa de nomes que aqui mencionei – praticamente toda a República, no que ela tem de sua expressão institucional mais alta, reunida em Brasília, encontra-se aqui hoje, além dos eminentes escritores que nos acompanham – para demonstrar o apreço imenso que o Brasil devota a José

Saramago. Mostra, também, o quanto esse prêmio tem de simbólico para todos nós. E o simbolismo do prêmio, até na sua alternância, tem muito a ver com aquilo que foi dito por quem, melhor do que nenhum de nós aqui, é capaz de pronunciar da forma mais vernácula os nossos sentimentos: o próprio homenageado José Saramago. A língua é a Pátria.

Recentemente, estive na Índia, cheguei de lá faz dois dias. E, lá, pensei bastante sobre a formação da Índia e li algumas coisas, entre outras um livro que me impressionou muito, de um outro laureado escritor, Octávio Paz, que escreveu uma pequena obra-prima sobre a Índia, chamada *Vislumbres de la Índia*, em que faz algumas reflexões sobre como se constituiu aquele país onde não havia um Estado – o Estado hindu é aquele que os ingleses colonizadores deixaram –, não havia uma língua. Houve discussão no Congresso sobre que língua adotar. E um dos pais fundadores da Pátria, Nehru, não falava o hindi, que foi finalmente adotado: falava o hindustani, que é uma versão mista entre o urdu e o hindi. Mas isso são algumas das pouquíssimas línguas a que estou me referindo, de muitas que lá existem.

Então, como fazer um país, uma nação? É obra de políticos, é obra de construção.

Nós fomos privilegiados. Já nos sentimos nação, e fomos, antes de existir um Estado que fosse independente e nosso. O Estado podia ser imperial português; a língua já era nossa. Hoje – e repito as palavras de Saramago – a nossa pátria nesse sentido mais amplo se estende. Aqui, faço uma homenagem ao ex-Embaixador José Aparecido, que, quando fui Chanceler, tantas vezes insistiu comigo na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

É verdadeiro isso, é verdadeiro que, num certo sentido, embora não seja um Estado-Nação, não seja um Estado nacional, há um sentimento que vai mais longe e que o afeto está presente, mais de forma imediata – e, quem sabe, a razão também, de vez em quando –, pelo fato de todos podermos nos manifestar dentro do mesmo sistema simbólico de signos e de sentidos: nós nos sentimos unidos já pela língua.

Uma vez, eu tinha retornado ao Chile, depois de lá ter vivido com alguns dos que aqui estão, como com o Ministro Weffort também.

Quando retornei, ainda não era democrático o Estado chileno. E um dos mais importantes jornais do Chile, chamado “El Mercurio”, reproduzia uma conferência de Jorge Luis Borges, que havia sido agraçado pela Academia Chilena, numa forma de homenagear a língua espanhola.

E Borges começou a escrever sobre a língua e sobre a língua espanhola. Confesso que, naquele momento, eu tinha imensa resistência a ler Borges, por razões políticas. E, de repente, fiquei me sentindo culpado, porque estava inebriado pela conferência do Borges, em que ele mostrava, com maestria inexcelsível, o que significava o castelhano, o que significava a língua como forma de comunicação que unia tantos países. E fazia uma série de elucubrações sobre a beleza do castelhano.

Pois bem, não temos nada a dever. O próprio Camões, de quem aqui tomamos o nome para dar esse prêmio tão simbólico, tão significativo, mostrou ao mundo que a nossa é uma língua de curso universal e que não tem nada a temer nas comparações. Não quer ser superior nem inferior, mas é uma língua que permite a expressão de todos os sentimentos e de todas as formas capazes de levar o espírito humano às alturas mais elevadas.

Se é assim, por que não cultivá-la, por que não cultuá-la, por que não nos enternecermos ao ler os nossos autores, como fazemos? Ainda ontem, tomei um livro de Saramago para sentir essa mesma proximidade e para ver que, efetivamente, escrito à moda de Portugal, é exatamente o mesmo sentimento que, talvez com uma tonalidade um pouco distinta, os nossos maiores – aqui não vou citar nenhum escritor, pois estou cercado deles – são capazes de exprimir aqui com a mesma sensibilidade. Isso nos une.

Então, esse prêmio que hoje conferimos a um dos maiores autores da língua portuguesa é um prêmio que para nós tem um sentido nacional. Por isso, está aqui o Presidente da República.

Assisti ao Mário Soares entregar o prêmio ao Jorge Amado, lá em Lisboa, no ano passado. E vi naquele gesto – estava lá o Embaixador Presidente Itamar Franco – o quanto isso une e quanto é realmente importante que nós entendamos que essa Comunidade da Língua Portu-

guesa não pode ser apenas isso. E já é muito. Um espírito diplomático é muito mais do que isso: é um sentimento real de todos nós, como nação.

Queria dizer uma outra palavra, se me permitem – não quero abusar da paciência dos senhores e das senhoras – mas uma outra palavra sobre um aspecto que me tocou muito, um pensamento do José Saramago, que recentemente ele mencionou em uma das suas entrevistas. Eu costumava dizer por aqui que nós precisamos buscar utopias viáveis. Ele não usou essa expressão, mas usou algo semelhante, para dizer que nós temos que buscar valores práticos. A idéia é a mesma. Isso, talvez, só seja possível de se formular e se levar adiante, com os desembaraços de espírito, em português, sem ficar pedante: utopia viável. É uma contradição nos termos.

Acho que a nossa língua permite que nós nos demos tanta liberdade de espírito. É uma língua que não nos amarra, que tem flexibilidade. Nós que, por circunstâncias, tivemos que falar outras línguas e dar aulas em outras línguas – pela minha ignorância, a dificuldade era maior ainda – sentimos como em certas línguas não se consegue dizer tudo o que se quer, porque elas têm um método, são demasiado cartesianas. A nossa, quem sabe, seja uma língua que, mesmo antes da influência, que certamente houve, do vocabulário de línguas africanas sobre ela – não quero me referir a isso porque vejo logo um sábio sobre a África aqui à minha frente, o Embaixador Da Costa e Silva e já fico com medo de dizer – mesmo antes dessa influência já tinha alguma coisa de diferente. E aí nos encontramos com a Índia de novo, onde realmente, no hinduísmo, o princípio da não-contradição não vige com a força com que vige nas línguas ocidentais que não a portuguesa.

A nossa nos dá mais liberdade, é mais plástica. E podemos dizer que precisamos de valores práticos, de utopias viáveis. Somos capazes de, com esta nossa língua, dentro de um mundo que, às vezes, olha e não vê a esperança, dizer: “Mas, meu Deus, olhe mais perto. Quem sabe a esperança esteja já ao nosso lado.”

Então, é com essa identidade de espírito também, e não só institucionalmente, como Presidente da República, é, repito, com muito orgulho, que estou aqui – só essa fotografia nessa mesa mostra que o Brasil todo

está homenageando Saramago – mas é também em termos muito pessoais, com essa identidade que acabo de declarar, entre essa forma de sentir e de pensar, que é de Saramago. Só não tenho o gênio e o talento dele: isso não depende do esforço; depende, muitas vezes, de algo que foi dado, e o que foi dado deve ser agradecido. Nós é que agradecemos, hoje, o fato de alguém ter recebido uma dádiva tão grande quanto Saramago, de poder ser hoje o que ele é, um escritor de todos nós, da comunidade da língua portuguesa.

Muito obrigado.